

# A CERÂMICA DE CASTELO VELHO (FREIXO DE NUMÃO, V.ª N.ª DE FOZ CÔA)\*

por

Maria das Dores Cruz\*\*

**Resumo:** Pretende-se com este trabalho analisar a variabilidade espacio-temporal dos recipientes cerâmicos no interior do povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão) (escavações dirigidas pela Prof.ª Susana O. Jorge). O objectivo principal é definir o papel desempenhado por estes artefactos nas relações sociais das populações do povoado e até que ponto a variabilidade/continuidade dos seus atributos pode funcionar como indicador da variabilidade/continuidade dessas mesmas relações sociais.

**Palavras-chave:** Cerâmica. Análise social. Calcolítico.

## SUMÁRIO

Os finais do III milénio—início do II milénio a.C. representam um período de grandes transformações na Pré-História Recente, conduzindo, em última instância, ao desenvolvimento da diferenciação social na Península Ibérica.

O estudo aqui apresentado enquadra-se num projecto mais alargado de análise, a pequena escala, da variabilidade artefactual no interior de um único povoado – Castelo Velho (Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa<sup>1</sup>), com o principal objectivo teórico de investigar a existência (ou ausência) de variabilidade social nos finais do III milénio—início do II milénio a.C. Utilizou-se como base metodológica a análise da variabilidade morfológica e tecnológica da cerâmica doméstica nas diferentes fases de ocupação do povoado e, durante um mesmo período cronológico, nas suas duas principais áreas, definidas pela existência de muralhas –

---

\* Tendo expirado o prazo para a recepção de originais, o texto que aqui se publica é o que a autora apresentou como “poster” ao Congresso, e nele fez circular sob forma fotocopiada [N.R.-Jan. 1995].

\*\* Department of Anthropology. Binghamton University, P.O. Box 6000 Binghamton, NY 13902-6000 – USA.

<sup>1</sup> V. Susana O. Jorge, O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal, «Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular», vol. I, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33 (1-2), 1993, pp. 179-216.

interior da muralha 1 (IM) e exterior da muralha 1 (EM) (Fig.1). Compararam-se amostras provenientes das duas áreas do povoado com o intuito de aceder não só à variabilidade de frequências das várias formas e organizações decorativas, como também à maior ou menor concentração de certas formas e/ou organizações decorativas nas referidas áreas.

Partiu-se de uma classificação tipológica das cerâmicas, tendo sido igualmente utilizada a correlação com outros vestígios arqueológicos numa tentativa de identificação de factores de desigualdade no seio de um único grupo. Teve-se, igualmente, em atenção factores deposicionais e post-deposicionais que poderiam falsear os resultados (cf. nossa comunicação a este mesmo congresso).

Por outro lado, as informações de carácter tipológico foram complementadas com dados arquitectónicos do povoado e dados relativos a outros tipos de artefactos.

## CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

As variáveis tidas em atenção são principalmente de carácter morfológico e técnico. Apesar de neste poster serem apresentados somente os atributos *forma e organização decorativa*, outros dados foram analisados: acabamento de superfície, cor de superfície, cor do núcleo, técnicas decorativas, desengordurante, abertura de boca e espessura de paredes. Tentou identificar-se *possíveis funções gerais para os recipientes com forma*, para, através da análise de frequências e de distribuição espacial dos recipientes, se poderem tirar conclusões que ultrapassassem a simples classificação descritiva.

O estudo teve como modelo tipologias já existentes para outros povoados do Norte de Portugal, principalmente as de Castelo de Aguiar<sup>2</sup>, utilizando, sempre que possível, as mesmas designações e atributos. Por vezes foi necessário proceder-se a mudanças pertinentes para o estudo em causa e/ou a uma definição mais rigorosa dos critérios utilizados anteriormente. As tipologias foram construídas *a priori*, tendo subjacente um problema específico, pelo que são tipologias ideais, de acordo com as quais se procedeu posteriormente a identificação dos fragmentos cerâmicos provenientes de Castelo Velho.

### 1. FORMA

Os atributos da variável forma baseiam-se em princípios geométricos, sendo aplicados principalmente a bordos e à parte superior do corpo, já que só muito

---

<sup>2</sup>V. Susana O. Jorge, *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, IAFLUP, 1986.

raramente os recipientes estão completos. Um atributo importante na definição dos vários grupos formais é a abertura de boca; para a definição de subgrupos dentro de cada tipo utilizou-se a existência ou não de estrangulamento do colo, sendo o sub-atributo A caracterizado pela inexistência de colo marcado, B, colo ligeiramente marcado e C com estrangulamento de colo bem marcado.

### TIPOS DE FORMAS<sup>3</sup>

F1 – Esférico de boca muito fechada.

F2 – Esférico alto de boca fechada. Sub-atributos A, B e C.

F3 – Esférico bastante aberto.

F4 – Taças hemisféricas e em calote de esfera. Sub-atributos A, B, C e D. Neste caso os sub-atributos não correspondem à marcação do colo, mas a características das paredes.

F5 – Recipientes geralmente de forma provavelmente ovoide e grandes dimensões. Sub-atributos A, B e C.

F6 – Recipientes de paredes rectas, geralmente com tendência para o tronco-cónico.

F7 – Elipsoide horizontal de boca fechada.

F8 – Recipientes com forma globular, boca fechada e colo alto (estrangulado) e esvasado.

F9 – Recipientes abertos, geralmente de grandes dimensões e paredes rectas. Sub-grupos A e B.

F10 – A forma geral dos recipientes é genericamente semelhante à F5, todavia é mais arredondada e a pasta é muito diferente.

F11 – Esféricos de boca levemente fechada, paredes quase rectas, mas notando-se externamente uma pequena diminuição do diâmetro na zona da boca.

F12 – Formas compósitas carenadas, tendo a parte superior geralmente cilíndrica ou tronco-cónica.

## 2. ORGANIZAÇÃO DECORATIVA<sup>4</sup>

O estado muito fragmentário de toda a amostra dificultou a identificação das organizações decorativas, todavia procedeu-se sempre a uma classificação ainda que parcial. O princípio fundamental organizador das classes constituintes da or-

---

<sup>3</sup> Estes tipos foram definidos para todas as amostras presentes em Castelo Velho. Contudo, os gráficos aqui apresentados são relativos unicamente as camadas 2, 3 e 4, pelo que nem todas as formas aparecem representadas.

<sup>4</sup> Tal como para as formas, as organizações decorativas têm sub-grupos que não são aqui definidos.

ganização decorativa baseia-se essencialmente no posicionamento dos motivos no corpo do recipiente, na relação entre os vários motivos e na sua orientação horizontal/vertical. Tentou-se, sempre que possível, combinar o uso das técnicas decorativas e a organização dos motivos para a definição das classes de organização decorativa.

Tipo I – Organização em métopas. Em Castelo Velho só foi identificado o grupo I<sub>2</sub>.

Tipo III – Organização em bandas horizontais formadas por incisão e/ou impressão.

Tipo V – Este tipo tem como estrutura base a decoração em bandas horizontais, utilizando geralmente a técnica impressa penteada.

Tipo VII – Incisões irregulares.

Tipo VIII – Caneluras paralelas.

Tipo XV – Organização em quadriculado, podendo utilizar várias técnicas decorativas.

Tipo XXII – Engloba praticamente toda a decoração em relevo, isto é, plástica e medalhões.

## CONCLUSÃO

1. Os recipientes cerâmicos integram formas muito simples, essencialmente esféricos, semi-esféricos, calotes de esfera e ovóides, concentrando-se grande maioria dos bordos analisados nos tipos 1 a 5, tendo todos os outros frequências bastante variáveis, mas geralmente baixas.

2. A frequência das formas varia substancialmente de uma camada para outra: as taças em calote predominam na primeira fase de ocupação (IM4), F2 destaca-se em IM2. Em IM3 os grandes vasos (F5) dominam maioritariamente, o que nos leva a sugerir a hipótese de acumulação diferencial de bens de produção nesta área e fase de ocupação.

3. Os recipientes lisos e decorados têm frequências bastante equilibradas em todos os níveis estratigráficos, por oposição ao que se passa em outros povoados do Norte, onde os fragmentos decorados predominam.

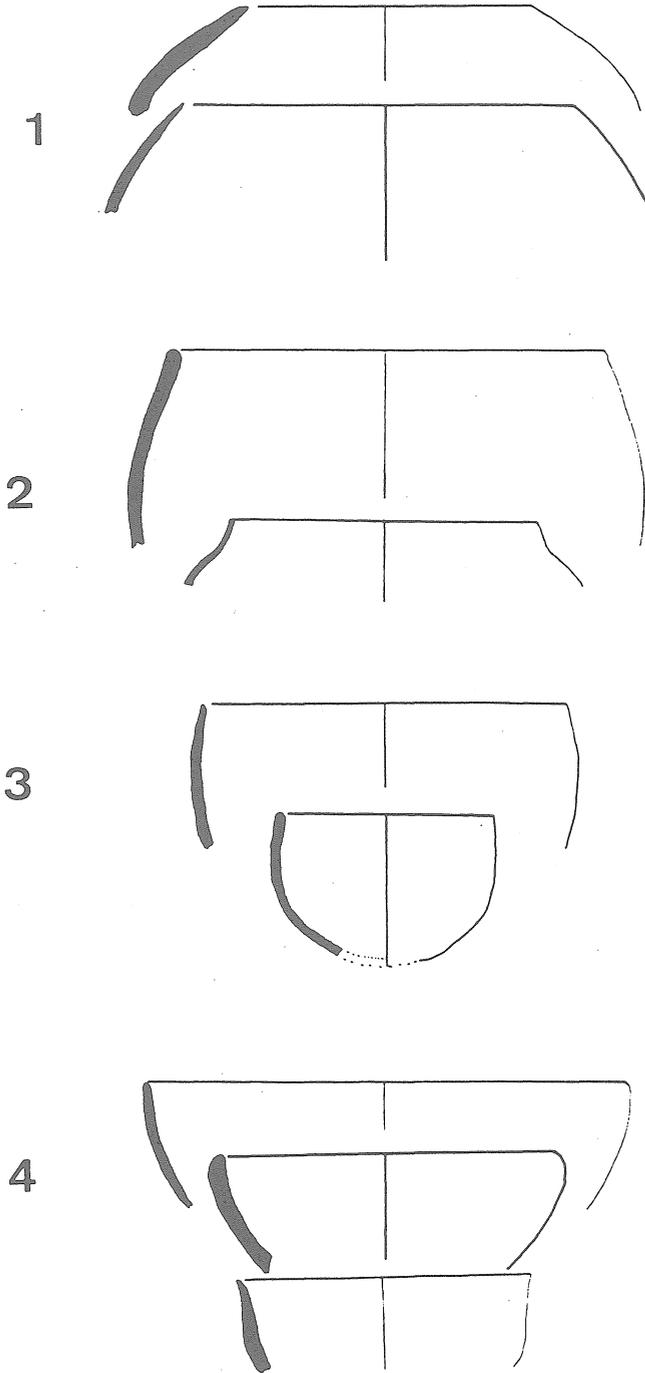
4. A organização decorativa V predomina maioritariamente, resultando numa extrema homogeneidade de toda a amostra. Esta standartização decorativa levamos a por a hipótese de especialização da produção cerâmica.

5. Observa-se uma certa variabilidade de formas e decoração entre as camadas 4 e 3 e a camada 2. Na camada 2 verificam-se novas formas e novos tipos decorativos, mas há igualmente a registar-se uma certa continuidade de tipos existentes nos períodos de ocupação anteriores. É notável o aparecimento de tipos

de pasta mais friáveis, com desengordurante de maiores dimensões e por vezes acabamentos de superfícies mais grosseiros.

6. A homogeneidade formal e decorativa parece indiciar pouca diferenciação social. Todavia, a frequência e concentração de grandes vasos em IM3, possivelmente destinados a armazenamento, leva-nos a propor uma diferenciação social baseada na acumulação de bens de produção. A cerâmica não parece ter subjacente um valor social, de prestígio, mas as suas possíveis características funcionais parecem indicar a existência de um grupo (ou grupos) com possibilidade de acumulação de bens.

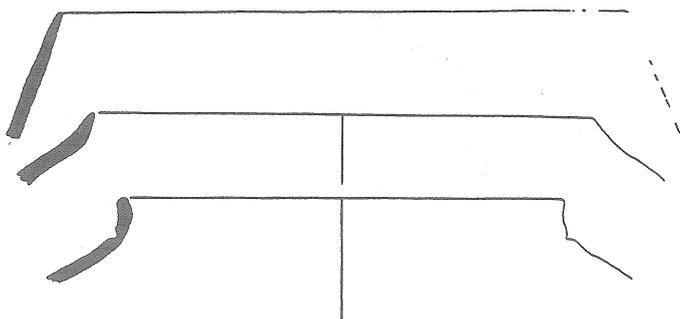




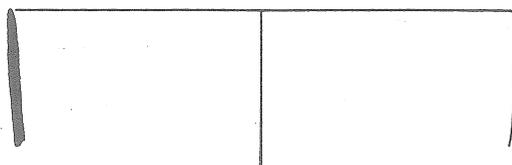
Tipos cerâmicos: 1 a 4.

Est. III

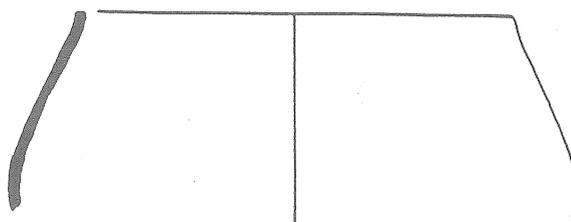
5



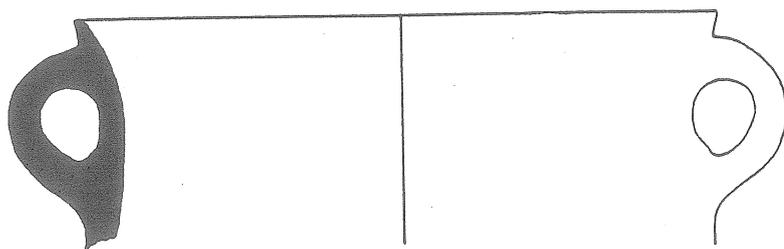
6



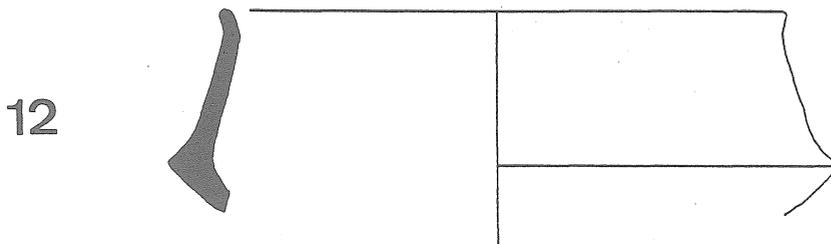
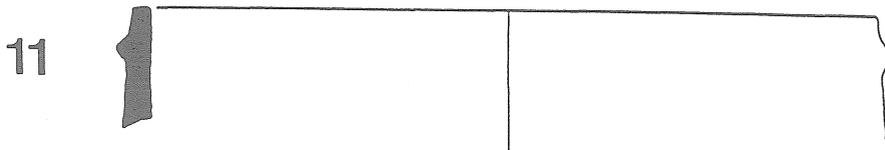
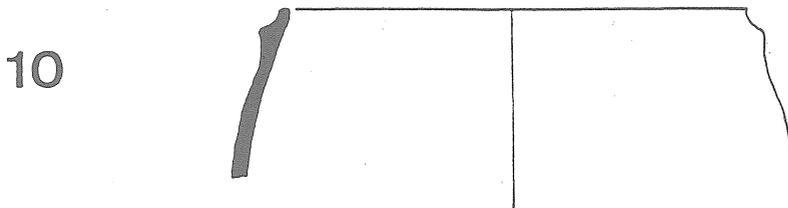
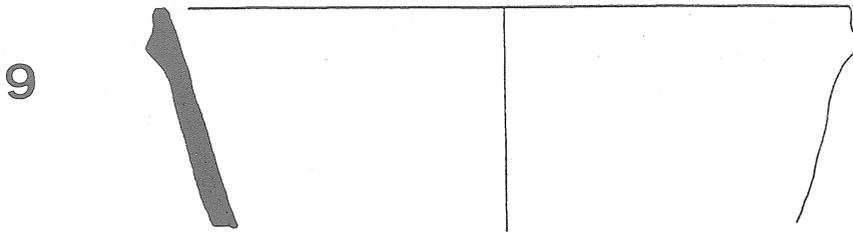
7



8



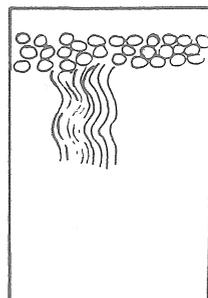
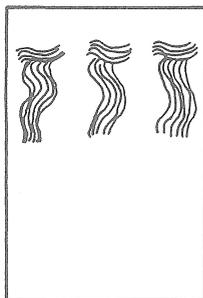
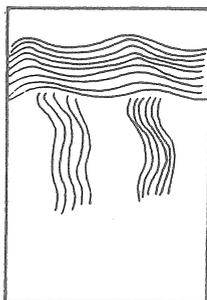
Tipos cerâmicos: 5 a 8.



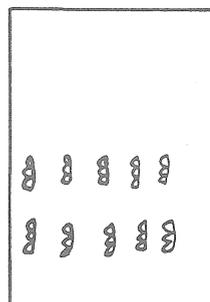
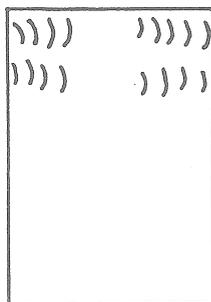
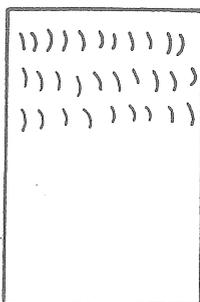
Tipos cerâmicos: 9 a 12.

Est. V

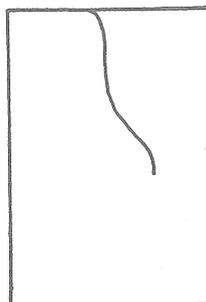
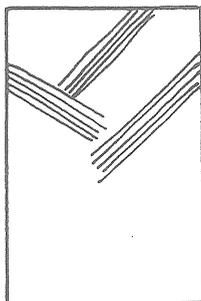
I<sub>2</sub>



III

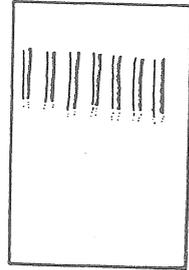
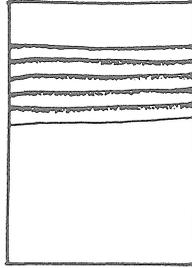
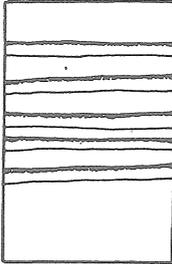


VII

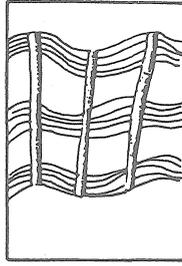
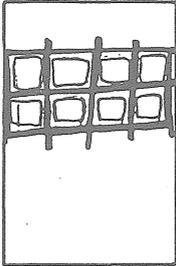


Tipos de organizações decorativas: I<sub>2</sub>, III e VII.

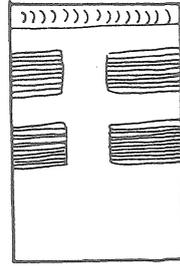
VIII



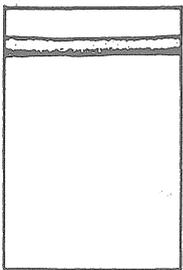
XV<sub>1</sub>



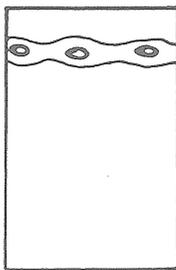
XV<sub>2</sub>



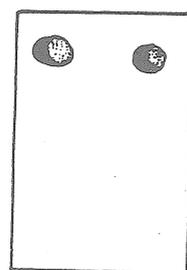
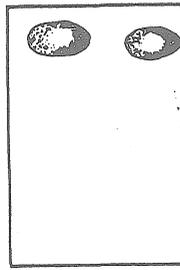
XXII<sub>1</sub>



XXII<sub>2</sub>

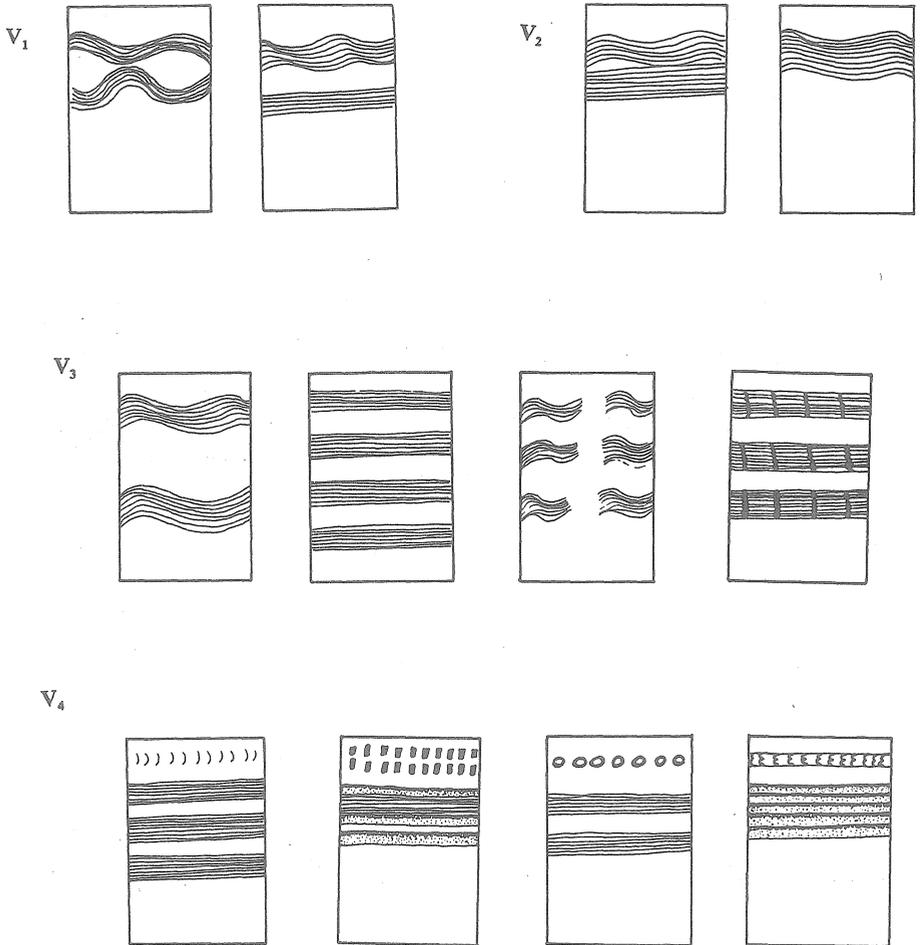


XXII<sub>3</sub>



Tipos de organizações decorativas: VIII, XV<sub>1</sub>, XV<sub>2</sub>, XXII<sub>1</sub>, XXII<sub>2</sub> e XXII<sub>3</sub>.

Est. VII



Tipos de organizações decorativas: V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub>, V<sub>3</sub> e V<sub>4</sub>.